

Sofrer e morrer em Cristo

Pensar o sofrimento e a morte à luz da fé¹

Geraldo De Mori²

Resumo: Tendo como ponto de partida uma análise do verbo sofrer, ao qual se associa o verbo padecer, e seus respectivos substantivos, busca-se refletir sobre o sentido do sofrimento na perspectiva antropológica e sua ressignificação à luz de Cristo. O mesmo procedimento se faz com os termos morrer e morte, pensados antropologicamente e teologicamente, à luz da morte de Jesus.

Palavras-chave: Dor, Sofrimento, Morte, Cristo.

Abstract: Taking as a starting point an analysis of the verb to suffer, and its respective noun, one seeks to reflect on the meaning of suffering from the anthropological perspective and its resignification in the light of Christ. The same procedure is done with the terms die and death, thought anthropologically and theologically, in the light of the death of Jesus.

Keywords: Pain, Suffering, Death, Christ.

INTRODUÇÃO

Gostaria de iniciar minha participação neste ciclo de palestras recordando o texto de Fl 1,21: “para mim viver é Cristo e morrer é um ganho”, texto de extraordinária força, no qual Paulo mostra, de forma sintética, o sentido da existência para ele, a saber, o Cristo. No seguimento da carta, ele diz que desejaria “partir e estar com Cristo” (Fl 1,23), mas que sua presença ainda era necessária para o progresso da fé dos filipenses (Fl 1,25). Três dos verbos utilizados por ele, “viver”, “partir” e “estar”, estão associados à sua confissão de fé em Jesus como Cristo. O verbo “permanecer”, associado à comunidade dos filipenses, indica o motivo de ainda continuar vivendo neste mundo, a saber, para o “progresso e a alegria da fé”, para que cresça nos fiéis de Filipos a “glória” que eles têm em Jesus Cristo (Fl 1,26). Acredito que está resumido nesse texto o sentido de tudo o que somos e fazemos neste mundo, inclusive do nosso “sofrer” e do nosso “morrer”. Será ao redor desses dois temas fundamentais que refletirei aqui, à luz daquilo que somos: cristãos.

1 Texto da fala do autor no “Ciclo de Palestras – A dor, a morte e o luto no contexto da pandemia”, no dia 23/11/2020. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=sokay4fYdwo>

2 Jesuíta, teólogo, professor de teologia sistemática na FAJE.

1 SOFRER EM CRISTO

O verbo “sofrer”, ao qual está associado o substantivo “sofrimento”, designa, segundo o Dicionário Houaiss, “sentir dor física ou moral”, “padecer”, “ser alvo de alguma doença, sofrimento”, “passar por alguma coisa”, “sentir, experimentar, passar”, “suportar pacientemente, tolerar sem reclamar”, “admitir alguma coisa”, “permitir”, “ter uma consequência negativa, perder”, “ter dores, ser atormentado por algo”³. Em geral este verbo e seu substantivo, recobrem muitos significados, a maior parte, negativos, pois certamente a dor, física ou moral, a doença e o fato de ser atormentado por algo, não são em si positivos. Porém, como se pode perceber em outros significados recolhidos pelo mesmo dicionário, há aspectos mais neutros, como o “sentir, experimentar, passar”, o “admitir alguma coisa” e o “permitir”, que, em muitos casos podem até ser positivos. Nesses casos, sofrer se aproxima de “padecer”, origem ao termo padecimento, que, sob muitos pontos de vista, é mais englobante e não necessariamente associado apenas à negatividade, pois remete a uma dimensão fundamental de toda existência: o *pathos*. De fato, do termo *pathos* deriva não só padecimento, mas também paixão, que, sem sombra de dúvidas, não se identifica somente com o sofrimento, mas é, provavelmente, o que habita o mais profundo da existência, movendo-a a desejar, e, em última instância, a eleger e a agir. A existência, como tão bem tem sido analisada pela fenomenologia, é ação e paixão. Teilhard de Chardin, em sua obra *O meio divino*, afirma que a maior parte de nossa existência é padecimento. Sob muitos pontos de vista, podemos dizer que a maior parte do que somos e conhecemos nos é dado através do padecimento, que tem um caráter fundamentalmente passivo, já que toda tomada de decisão que leva à ação supõe antes “sentir, experimentar, passar”, próprios do “sofrer”, como acima é afirmado pelo Houaiss.

Dito isso, para não ficarmos na abstração apenas, gostaria de observar que nossa primeira experiência da dor ou de padecimento, é dada já ao nascer. Com pouquíssimas exceções, todos nós nascemos já experimentando a dor. É o que comprova o choro de todo recém-nascido, que ao respirar pela primeira vez sente uma dor violenta nos pulmões, por isso chora. Em seus primeiros meses, quase todas as suas sensações, como a sede, a fome e as cólicas, são experimentadas como dor ou padecimento, e o choro, em geral, é o sinal de que algo não está bem. Com o tempo, o bebê vai adquirindo a linguagem, através da qual passará a se comunicar ao longo da vida. As sensações de dor, por um lado, ou as de prazer, por outro, vão estabelecendo uma série de sinais através dos quais a criança passa a se comunicar, adquirindo pouco a pouco o conhecimento reflexo de quem é. Podemos dizer que tudo o que o ser humano é nesses tempos iniciais, sua existência, seu nome, o lugar e a família em que nasceu, lhe é dado. Nesse sentido, ele vem à existência e permanece nela, graças a um padecimento original, que, como já foi assinalado acima, não é somente negativo, pois é a fonte mesma de tudo o que é e tem.

Se a vida biológica inicial é padecimento, o mesmo se pode dizer da vida psicológica e afetiva. Segundo várias correntes da psicologia e da psicanálise, o choro, que em geral é

3 HOUAISS, A. Dicionário online de português. Acesso: <https://www.dicio.com.br/sofrer/>, dia 13/12/2020.

associado à dor física, pode também expressar uma dor afetiva, a da ausência da voz materna, por exemplo. Todas as mães experimentam isso. Muitas vezes o bebê está alimentado, portanto, não sente fome, mas mesmo assim chora. Às vezes, esse choro já é o suficiente para chamar a atenção e ter junto de si a mãe. Essa relação tão forte que une o bebê à mãe, sendo muitas vezes barganhada numa espécie de chantagem que a criança faz constantemente com a mãe, deve aos poucos ceder o lugar à solidão, que dará autonomia à criança, fazendo com que ela não seja tão dependente da mãe. Esse processo é feito com dor, não física, mas afetiva. Mas ele é lugar de humanização, pois embora no início da existência estejamos simbioticamente ligados aos corpos de nossas mães, só seremos realmente humanos quando formos capazes de ser um “eu” com sua própria história, que responde por si, que sabe agir responsavelmente, com liberdade e autonomia. Mas tudo isso toma tempo e supõe necessariamente muita dor. A dor afetiva se repete muitas vezes nas inúmeras relações que vamos tecendo ao longo da vida. Em toda a infância ela se dá no seio familiar, mas depois, quando a criança vai deixando esta etapa, ingressando na fase juvenil e adulta, viverá as relações, que são feitas de prazer e de dor, sob muitas formas. As amizades, por exemplo, serão verdadeiras se houver a capacidade de estar com o amigo ou a amiga e também de distanciar-se dele ou dela. O amor, só poderá se realizar realmente, se houver a capacidade de entrega, que supõe dor. O amor paternal e maternal, só será adquirido se há capacidade de amar e de padecer. Nesse sentido, a dor é constitutiva da vida, e, sob muitos pontos de vista, do conhecimento.

Em geral, porém, quando falamos de dor, sempre a associamos a algo negativo. Por isso, todas as culturas, em toda a história da humanidade sempre buscaram eliminá-la. A medicina e a farmacologia surgiram para que as dores pudessem ser aliviadas ou suprimidas. Isso é tão verdade que existem hoje clínicas especializadas em eliminar a dor. De fato, ninguém gosta de sentir dor, seja porque ela é sintoma de que alguma coisa não vai bem com nosso corpo, seja porque ela não permite viver bem conosco mesmos, quando se trata de dor física, ou com nossa existência, quando se trata de dor psíquica.

O caráter negativo da dor também foi interpretado pelas religiões ao longo da história. Com efeito, muitos ritos mágicos, que estão na origem da maioria das tradições religiosas da humanidade, são ritos que buscam eliminar a dor e o sofrimento. A primeira medicina, que é praticada ainda hoje por curandeiros/as e benzedeiros/as, esteve e está associada às religiões. O judaísmo, embora privilegie em seu credo original uma dimensão histórica, a da libertação da escravidão do Egito, também conhecia rituais de cura, como se pode perceber em várias cerimônias realizadas no templo. O próprio Jesus valorizou em sua vida pública a cura de cegos, surdos, cochos, leprosos. O cuidado que ele dispensava aos enfermos era um dos sinais de que o reino de Deus estava próximo.

Várias tradições eclesiais mantiveram rituais relacionados à cura ou práticas que contribuíam no cuidado dos enfermos, para que seus sofrimentos fossem diminuídos. Em toda sua história o cristianismo esteve implicado em atividades relacionadas à saúde dos corpos e do psiquismo. A elaboração teológica sobre a dor e o sofrimento associou esses padecimentos ao pecado, baseando-se fundamentalmente em Rm 5,12s, que afirma que “por um homem o

pecado entrou no mundo e com o pecado a morte”. Segundo as reflexões de várias correntes teológicas, que foram sistematizadas na Idade Média, o sofrimento, a dor e a morte, que, de certa forma, é a síntese de nossa condição padecente, são consequências do pecado de Adão. Em seu estado originário, marcado pela justiça original, o ser humano não padecia (era impassível), não morria (era imortal) e não experimentava a divisão interna (era íntegro, não possuindo a concupiscência). Com o pecado, todos esses sinais de sua finitude se tornaram realidade, como o atestam o sofrimento, a morte e a divisão interna que marca cada ser humano que vem ao mundo.

As diversas curas realizadas por Jesus são a antecipação do que será a humanidade nova por ele curada e salva, que já se torna realidade pelo batismo, mas que emergirá definitivamente na ressurreição de nossos corpos, quando não haverá mais sofrimento, nem dor, nem a morte. Como bem expressa 1Cor 15,26, o último inimigo a ser destruído é a morte, ou seja, no mundo novo, na nova criação, já não seremos mais seres padecentes.

Além desta leitura teológica, o cristianismo também viu emergir uma espiritualidade que ajuda a entender cristologicamente a dor e o sofrimento, baseada na afirmação paulina, “para mim viver é Cristo”. Em geral, esta espiritualidade desenvolveu-se a partir da redescoberta da vida de Jesus, também a partir da Idade Média, com foco em sua paixão e morte. O modo como o Nazareno viveu sua “*via crucis*” inspirou inúmeros fiéis a acolherem as próprias enfermidades. Além de modelo de sofrimento ele era modelo de cuidado dos enfermos, inspirando-os a assumir a dor com paciência, resignação e resiliência, e a solidarizar-se com os enfermos, colocando-se ao seu serviço. A devoção aos santos, forte nas tradições ortodoxa e católica, também ofereceu muitos modelos de homens e mulheres que se destacaram quer pelo cuidado dos enfermos quer pela capacidade de sofrer, tornando-se “intercessores” dos que a eles confiantes recorriam.

Como as religiões sempre apontam para uma intervenção divina ou do sagrado num mundo ferido e finito, o cristianismo, além de estabelecer Jesus e os santos como modelos de sofrimento e de serviço aos sofredores, também os tornou os maiores intercessores junto a Deus para que interviesse na cura das enfermidades humanas. Para isso contribuíam as orações de intercessão e as promessas, o que levou à acentuação, em certas épocas, de uma visão quase que mágica da intervenção divina no mundo. Os milagres, que, de certa forma, sempre moveram o elã religioso dos fiéis, foram, com o surgimento da ciência moderna, identificados cada vez mais como aquilo que ia contra as leis da natureza, servindo, inclusive, de provas nos processos de canonização dos santos.

Desde a reforma protestante, no início do século XVI, esse tipo de piedade e religiosidade é questionado e criticado. Nos tempos recentes, muitos teólogos retomam essa crítica, mostrando que nos evangelhos os milagres não são sinais extraordinários que atentam conta a lei da natureza, mas sinais da presença do reino de Deus no mundo. Outros, como Andrés Torres Queiruga, questionam mesmo a oração de intercessão, vendo nela uma forma mágica de querer convencer a Deus. Ora, diz o teólogo galego, Deus não precisa ser convencido de

nada, ele é pura bondade, misericórdia e compaixão. Grande parte dos sofrimentos associados a enfermidades fazem parte do que é próprio da natureza mortal, passível e perecível do ser humano. Na verdade, mais que querer mudar, com uma intervenção milagrosa a situação de quem sofre, é importante mostrar que Jesus não rejeitou nada do que é humano. Ele padeceu como ser humano tudo o que é próprio de nossa natureza. Nossa oração de intercessão deve ser uma oração que nos ajude a fazer a travessia da enfermidade e da dor, sabendo-nos acompanhados por Deus. O viver “em Cristo” é justamente aprender com ele como nunca desesperar diante dos padecimentos.

2 MORRER EM CRISTO

A fé cristã nos oferece então como modelo de travessia da dor e do sofrimento o modo como Jesus viveu essa realidade tão humana, que, como acima indicamos, constitui a maior parte de nossa existência, que é padecimento, visto não só no sentido negativo, mas também positivo, pois padecer e sofrer é, no fundo, experimentar a vida em seu *pathos*, ou seja, em seus gozos e em suas penas. Todo conhecer é, no fundo, um padecer.

Dentre os padecimentos próprios da existência humana, o maior deles, sem dúvida, é o do aniquilamento representado pela morte. Ninguém pode falar do próprio morrer, pois quando esta experiência terminal intervém, já não se pode mais falar dela, uma vez que a pessoa já não mais existe. Porém, temos acesso à morte através da morte do outro, seja de quem é mais próximo, como os familiares, os amigos, seja de quem é mais distante, como os milhares de mortos, por exemplo, dos que têm sido acometidos pela Covid-19. Certamente, a morte que mais nos afeta é a dos mais próximos, mas toda morte deveria, de alguma maneira, nos fazer tremer. Não só de medo, pois a morte do outro revela minha própria mortalidade, mas também do sentimento da perda, pois cada ser humano é único, e seu desaparecimento empobrece irremediavelmente a humanidade.

O texto paulino evocado acima considera a morte como o “último inimigo” do ser humano a ser destruído. Esta leitura é certamente determinada pela fé no Deus da vida, que dá nova vida a nossos corpos mortais, através da ressurreição. Outras formas de pensar a “destruição da morte” foram elaboradas nas várias tradições espirituais da humanidade. Os egípcios, com suas técnicas de embalsamamento, acreditavam na imortalidade a ser alcançada se todos os ritos fossem bem realizados. Platão, à luz dos cultos órficos, pensou a imortalidade da alma. O hinduísmo e o budismo pensaram a continuidade da vida através da doutrina das reencarnações, retomadas no mundo ocidental através do espiritismo kardecista, que é muito forte no Brasil. Alguns filósofos antigos, porém, buscaram desdramatizar a morte, como é o caso de Epicuro. É preciso, segundo ele, familiarizar-se com a ideia de que a morte “não é nada para nós”, porque todo bem e todo mal residem na sensação. Ora, a morte é a privação consciente de toda sensação. A consequência da certeza de que a morte não é nada para nós, é que se pode apreciar mais as alegrias que nos oferece a vida efêmera, porque ela não acrescenta uma duração ilimitada, mas, ao contrário, nos retira o desejo da imortalidade. Portanto,

o mal que nos faz mais temor não é nada, pois, enquanto existimos, ele não é uma realidade, e quando morremos, já não somos mais. A morte não tem relação nem com os vivos nem com os mortos, pois não é nada para os primeiros, enquanto os últimos *já não existem*.

Na época moderna, muitos filósofos, em diálogo com as ciências, propuseram a tese da morte natural. Segundo esta tese, as ideias religiosas e metafísicas de imortalidade são uma grande ilusão. A morte é o fim natural da curva biológica da vida, ou a condição para uma vida cada vez mais elevada, que dê lugar a outras formas vitais e a outros indivíduos. Na sociedade também a morte tem a função de criar espaços para novas formas de vida, evitando assim o envelhecimento e dando lugar ao novo. Segundo esta perspectiva, a ideia de que temos um desejo inato de viver eternamente é sem fundamento.

A filosofia do século XX pensou a morte como interpretação para a vida. Heidegger, por exemplo, define o ser humano como um ser para a morte. O existir diante da morte, diz ele, tem uma função sumamente importante para a realização da vida. De fato, a essência da estrutura fundamental do ser humano é feita de uma abertura que lhe oferece muitas possibilidades. Só podemos existir plenamente se compreendemos nosso final, ou seja, se o antecipamos livremente, não como perspectiva, mas como o nada da possível impossibilidade da existência. Por constituir tal impossibilidade, a morte é a possibilidade mais privativa, não relativa, certa e, como tal, indeterminada e insuperável da existência. Só se encararmos esta possibilidade poderemos existir autenticamente.

Sartre e Camus, contrariamente a Heidegger, vão afirmar o absoluto sem sentido da morte, que não representa a possibilidade mais autêntica do ser humano, mas a aniquilação, possível em todo momento, de todas as possibilidades. Somente se nos rebelarmos contra esse absurdo, realizamos livremente uma existência cheia de sentido.

Essas breves considerações sobre a morte, em diversos horizontes, tanto religiosos quanto filosóficos e científicos, do passado e da época recente, nos mostram o quanto o tema da morte permanece como um dos lugares principais para se pensar o ser humano. É interessante notar, por exemplo, que uma das maiores obras construídas pelo gênio humano, as pirâmides egípcias, é um monumento funerário. Por outro lado, dentre as explicações sobre o sentido último da existência que mais adeptos possuem no mundo, se encontram duas crenças, a da reencarnação e a da ressurreição dos mortos. Para além de se apresentar aqui o significado dessas duas crenças, gostaria, à luz ainda do texto paulino evocado no início desta reflexão, “para mim viver é Cristo e morrer é lucro”, de propor, em linhas gerais, algumas considerações teológicas sobre como pensar a morte em Cristo.

O lugar para se pensar o “morrer em Cristo” é, sem dúvida, a própria morte de Jesus de Nazaré. Antes, porém, de discorrermos sobre o que a fé cristã nos diz sobre nosso morrer em Cristo, é importante recordar que ninguém morre a morte do outro. Podemos certamente acompanhar outras pessoas em seu morrer, muitas vezes após uma longa agonia, e em muitos casos, depois de enfermidades que duraram anos, em que a pessoa que acompanhamos foi pouco a pouco perdendo todas as suas faculdades e suas forças. Porém, não morremos no

lugar dessa pessoa, por mais que a acompanhemos neste momento terminal. Tampouco os outros morrem nossa própria morte. Portanto, a morte é o lugar de uma singularização absoluta. Por isso, um dos maiores teólogos do século XX, Karl Rahner, afirma que a morte é o lugar em que alcançamos nossa definitividade, ou seja, o ato de morrer não é intercambiável, embora a morte seja nosso destino comum.

Nesse sentido, Jesus alcançou sua definitividade em sua morte. Portanto, ela é o lugar por excelência da revelação de sua identidade, confessada pelas comunidades primitivas como crística e filial. Gosto sempre de dizer que o morrer é o lugar de um abandono supremo. Dentre as palavras que os evangelistas colocaram na boca de Jesus, as do início do Salmo 21, são as mais emblemáticas. Elas evocam este abandono: “meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” Podemos ver nestas palavras, o grito de cada ser humano diante de seu instante terminal. De fato, o morrer é um salto no escuro. De seres viventes passamos à condição de cadáveres. Na bíblia esta condição é identificada à da poeira. Por isso, o próprio termo bíblico para dizer quem é o ser humano, Adão, remete a adama, a terra, e dentre as palavras finais das sentenças divinas após a queda, no livro do Gênesis, encontra-se “tu és pó e voltarás a ser pó”. Não por acaso ainda, o momento da morte é de derrisão, ou seja, de temor e tremor. O grito de Jesus recolhe, portanto, o grito de toda a humanidade em seu ato de morrer como supremo abandono. Mas, em Jesus, o morrer é acompanhado de uma experiência que parece ainda mais terrível. Ele experimenta o Deus a quem chamava “*abba*”, Pai, como aquele que o abandonou. Ora, a apelação “Pai” constituía o núcleo central de sua experiência filial, e era ao serviço desse Deus que ele tinha consagrado seu ministério messiânico. Em fidelidade à missão recebida deste Deus, ele chegava a este momento supremo de sua existência. Há, portanto, na morte de Jesus dois dramas, o que é próprio de todo ser humano em seu momento terminal, e o que é próprio do messias em sua experiência filial.

Esse sentimento de solidão, próprio de todo morrer, acrescido do sentimento de uma perda do solo existencial de sua experiência filial, dá, porém, lugar a um ato segundo, o de abandonar-se, muito bem expresso na própria apelação “meu Deus, meu Deus”, que expressa uma confiança absoluta no próprio nome que deu sentido à sua existência, ou na expressão “nas tuas mãos entrego o meu espírito”. A morte como abandono cede lugar à morte como abandonar-se. Nessa passagem encontra-se o sentido último do “morrer em Cristo”. De fato, somente quando damos o salto da solidão que nos singulariza para o ato do abandonar-se, realizamos o grande ato de fé de nossa existência. O morrer, segundo a fé cristã, é o último e grande ato de fé de quem se diz cristão. O mesmo ato que realizamos ao longo da vida, quando nos tornamos cristãos, é aí dito em sua forma definitiva e total.

Portanto, “morrer em Cristo” significa chegar à nossa definitividade segundo o modelo vivido por Jesus. Ele morreu como filho e experimentando-se filho de um pai amoroso. A existência humana, identificada ao “pó” se torna uma existência totalmente filial, nesse momento final de comunhão e abandono. Retomando a reflexão proposta acima, sobre a existência como “*pathos*”, podemos dizer que se o ato inicial de nossa existência foi o de um dom imerecido, portanto, gratuito, padecido, no sentido de recebido, o momento final é chamado

a ser o do reconhecimento que esse dom não nos pertence. Na perspectiva cristã significa que viemos de Deus e para ele voltamos, e o mais alto grau de humanização é aquele no qual reconhecemos que aquele de quem viemos e para o qual voltamos é um nome, uma pessoa, Pai. Esse é o grande ensinamento das últimas palavras de Jesus na cruz, e o “viver em Cristo” deveria nos preparar para ele.

CONCLUSÃO

O percurso proposto nos mostra o sentido mais profundo da fórmula paulina “para mim viver é Cristo e morrer é lucro”. Toda a existência, lida à luz da vida histórica e humana de Jesus de Nazaré, ganha novo sentido, inclusive em sua dimensão padecente e mortal. A travessia do sofrimento, em sua dimensão mais negativa, pode ganhar sentido à luz do modo como Jesus foi dando sentido à sua existência. Diante do sofrimento do outro, além da compaixão ativa, tão bem ilustrada na parábola do Bom Samaritano, ele nos ensina que o humano verdadeiro é aquele que “vê, sente compaixão e cuida”. Ele é o Bom Samaritano por excelência que deve inspirar nossas atitudes e posicionamentos diante do sofrimento. Mas, ele também nos mostra como fazer a própria travessia da dor quando ela nos atinge, seja em tantas formas de padecimento físico, psíquico e existencial que a vida nos reserva em sua trajetória, seja em seu momento terminal, no qual damos o grande salto nos braços do Pai. A travessia da dor deve dar-se na fé, tendo o próprio Jesus como aquele que “inaugurou este caminho novo e vivo” (Hb 10,20), no qual somos chamados a adquirir a figura final para a qual fomos criados e queridos por Deus: a de filhos/as no Filho amado, que nos ensina a fazer a passagem do abandono ao abandonar-se.